

## A poesia de Márcia Kambeba e sua recepção no contexto escolar /

### *Márcia Kambeba's poetry and its reception in the school context*

#### *Catharie Brandão de Souza \**

Catharie Brandão de Souza é natural de Feira de Santana-BA, professora de Língua Portuguesa. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE-UFCG (2021); Especialista em Educação Infantil e Alfabetização (2022); Graduada em Letras/Português pela UFCG (2018); Graduanda em Pedagogia na faculdade Unifatecie (2023). Atuou como professora no Ensino Fundamental e Médio na Educação Básica no Estado da Paraíba em linguística e literatura (2018-2022). Poetisa ganhadora do prêmio de poesia no 1º Salão Multicultural da Paraíba (2017), escritora na revista educacional *Tertúlia* e das revistas digitais internacionais de Portugal *Eisfluências* (2017/2019), *Fênix – Antologia Logos* (2017/2019) e *PORTAL CEN - "Cá Estamos Nós"* (2018/2023) e no ebook (*Afago, afeto, abraço: coisas de mãe*). No momento é bolsista conteudista no Mochillertech em parceria com SENAI de Campina Grande.

 <https://orcid.org/0009-0008-2528-5096>

#### *José Helder Pinheiro Alves \*\**

Graduado em Letras pelas Faculdades Integradas de Uberaba (1983), Mestre em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (1992), Doutor em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000), Pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004).

 <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

**Recebido em :** 20 dez. 2023. **Aprovado em :** 22 dez. 2023.

#### **Como citar este artigo:**

SOUZA, Catharie Brandão de; ALVES, José Helder Pinheiro. A poesia de Márcia Kambeba e sua recepção no contexto escolar. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 181-197, nov. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10439340>

#### RESUMO

Em pleno século XXI, a ausência de conhecimento sobre os povos originários em sala de aula ainda é um mobilizador do preconceito, da falta de respeito e escassez do reconhecimento da cultura dos ancestrais. Para muitos, persiste a imagem do estereótipo indígena que foi retratado desde a época colonial, por isso, é essencial desmistificar esta imagem levando para as escolas a cultura indígena através da literatura escrita pelos próprios nativos. O objetivo deste artigo é refletir sobre a produção da poetisa indígena Márcia Kambeba, bem como apresentar uma vivência com

---

\*  [catharieletras@gmail.com](mailto:catharieletras@gmail.com)

\*\*  [Jose.helder@professor.ufcg.edu.br](mailto:Jose.helder@professor.ufcg.edu.br)

alguns de seus poemas no contexto escolar. Desta forma, apontamos um caminho para o atendimento da lei federal nº 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da cultura dos povos originários na escola. Nosso trabalho fundamenta-se em Gomes (2012), Silva (2012), Graúna (2013), Silva (2014), Potiguara (2019), Bergamaschi (2012), entre outros. A experiência de leitura da poesia indígena em sala de aula favoreceu uma mudança na visão dos alunos sobre os povos originários. Houve um reconhecimento de visões preconceituosas que circulam, bem como um maior interesse pelas diversas manifestações culturais dos indígenas brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação do leitor; Márcia Kambeba; Literatura indígena.

#### ABSTRACT

*In the 21st century, the lack of knowledge about native peoples in the classroom is still a mobilizer of prejudice, lack of respect and lack of recognition of the ancestors culture. For many, the image of the indigenous stereotype that has been portrayed since colonial times persists, so it is essential to demystify this image by bringing indigenous culture to schools through literature written by the natives themselves. The objective of this paper is to reflect on the production of indigenous poet Márcia Kambeba, as well as to present an experience with some of her poems in the school context. Thus, we point out a way to comply with federal law nº 11.645/2008, which makes it mandatory to teach the culture of native peoples at school. Our work is based on Gomes (2012), Silva (2012), Graúna (2013), Silva (2014), Potiguara (2019), Bergamaschi (2012), among others. The experience of reading indigenous poetry in the classroom favored a change in students' view of indigenous peoples. There was recognition of prejudiced views circulating, as well as a greater interest in the various cultural manifestations of indigenous Brazilians.*

**KEYWORDS:** Reader's formation; Márcia Kambeba; Indigenous literature.

## 1 Introdução

No contexto da escola brasileira, a literatura emerge como uma ferramenta vital para conhecer a cultura de nossos ancestrais, historicamente estigmatizada como inferior. Suas experiências e narrativas permanecem à margem do que é considerado como parte da literatura brasileira.

Conhecer as inúmeras narrativas e poemas dos povos originários — suas crenças, seus mitos, histórias do cotidiano envolvendo animais, plantas, elementos da natureza — pode contribuir para que se tenha uma visão menos preconceituosa e também reconhecer como nossa cultura está permeada de elementos da cultura destes povos.

O olhar para a cultura dos povos indígenas brasileiros passou a ser mais valorizado e abordado na sala de aula somente após a lei federal nº 11.645/2008, que obriga o ensino de história e cultura indígena no ensino fundamental e médio. De acordo com esta lei, cita-se, no

Artigo 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação

da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008)

Além disso, o segundo parágrafo deste artigo completa: “Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. Contudo, observa-se constantemente que só é abordada a historiografia descrita pelos não indígenas, os *colonizadores*, e pouco se tem conhecimento do significativo movimento de dezenas de escritores indígenas que estão contando e recontando as narrativas de seus povos.

Segundo a pesquisa de Bergamaschi (2012), a visão que os alunos têm sobre os indígenas é predominantemente estereotipada, na qual veem os indígenas contemporâneos como os que foram encontrados no Brasil no período da colonização.

Nos desenhos das crianças os indígenas aparecem frequentemente nus, com os corpos pintados e, em geral, em contato com a natureza. Buscando também nos livros didáticos as imagens mais frequentes que retratam os povos indígenas, vemos que a maioria dos manuais os apresentam com pinturas corporais, com cocares nas cabeças e em geral sem ou com pouca roupa. Em nenhuma das representações os alunos mostram ter visto imagens nos livros que remetem aos povos indígenas na situação social contemporânea. De fato, as imagens que predominam nos livros são as do indígena na época da colonização, representados por pinturas que confirmam o exótico ou em situações que o vitimizam. (BERGAMASCHI, 2012, p. 56)

Hoje, após vários anos desta pesquisa, ainda encontramos uma visão estereotipada, entre os alunos, sobre os povos indígenas; de acordo com os desenhos das turmas no ensino fundamental da pesquisa de Souza (2020), não foi surpresa que todos giravam em torno de estereótipos perpetuados ao longo do tempo. Nenhum nativo foi retratado fora da aldeia ou da floresta.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a produção da poetisa indígena Márcia Kambeba, bem como apresentar uma vivência com alguns de seus poemas em sala de aula. O experimento foi realizado com alunos do 9º ano e favoreceu uma vivência com aspectos da cultura dos povos originários a partir da obra de autores indígenas contemporâneos.

A identidade indígena foi o viés escolhido para reflexão a partir dos poemas de Márcia Kambeba, recolhidos dos livros dos livros *Ay Kakyri Tama* (2013) e *O lugar do Saber Ancestral* (2021). Por meio de seu estudo nos aproximamos um pouco do povo Kambeba. Para tanto, lançamos mão dos poemas: *Ser Indígena Ser Omágua*, *Chão Kambeba* e *Povo Flutuante*.

Inicialmente, apresentamos um pouco da história dos Kambeba no Brasil; em seguida, trazemos as discussões sobre os poemas trabalhados, com a intenção de estimular reflexões sobre a construção da identidade indígena do povo Omágua. Por fim, destacamos um breve exemplo de vivência com os poemas selecionados.

## 2 O povo das águas: sua identidade

“A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.” (RUTHERFORD, 1990, p. 19)

A identidade só pode ser concebida quando comparada; é na reflexão entre o que o outro não tem que eu tenho, ou vice-versa, que descobrimos nossas próprias características, sejam físicas, psicológicas e referências históricas que constroem quem somos hoje. A identidade é o que nos torna únicos, como pessoas, como povos de uma determinada etnia, um grupo, um círculo, uma sociedade. (SILVA, 2014)

Desse modo, as diferenças, a resistência e a supremacia do outro são os elementos que vão moldar as características que se transformarão em nossa identidade. Para o povo Kambeba, a identidade reside na ancestralidade preservada através da memória que seu povo carrega.

De acordo com Márcia Kambeba, (2021, p. 12), o lugar do saber ancestral “é um rio de memórias que correm dentro dela”, isto porque, para a construção da identidade de um povo indígena, a memória que traz os ensinamentos e conhecimentos orais dos seus ancestrais é o principal meio de construção da identidade. Ainda sobre esta ancestralidade, afirma Daniel Munduruku (2021, p. 8): “tudo está dentro de nós e somos guardiões da memória de nossos ancestrais”.

Assim sendo, para Márcia Kambeba e Daniel Munduruku, ser guardião dessa memória é uma responsabilidade fundamental para preservar a identidade cultural e a conexão com as tradições, pois a valorização dessas perspectivas contribui para uma compreensão mais profunda da riqueza cultural e da herança dos povos originários.

No Brasil, nos primeiros dois séculos de colonização, viviam dois grandes grupos: os *Omágua-Yetê*, que ficava onde hoje é o Equador, e o outro grupo os *Omágua das Ilhas*, na região que se estendia de Fonte Boa até o território Peruano. Atualmente, os Kambeba vivem na região

do Alto Solimões, nas terras Ticuna e Baixo Rio Negro, além das famílias que moram em Manaus. Nestes locais, os povos das águas firmaram seus territórios e construíram, ao longo do tempo, uma identidade.

Dentro desta construção social, os Omágua se destacavam, posto que “tinham uma forma peculiar de se organizar que os diferenciava dos demais; essa peculiaridade era manifestada na organização sociopolítica e cultural, envolvendo os mitos, rituais e outros elementos simbólico-culturais” (SILVA, 2012, p. 57). Ela enfatiza ainda que “A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais” (SILVA, 2012, p. 10), o que nos leva ao segundo aspecto que transmite a identidade do povo indígena, a territorialização.

O território torna-se uma fonte permanente de socialização para os indígenas, é nele que se trocam informações sobre pesca, caça, forma de subsistência, histórias sobrenaturais, enfim, constroem sua realidade social e simbólica. Deste modo, o território ganha uma identidade, não em si mesmo, mas na coletividade que nele vive e produz. (SILVA, 2012. p. 57).

O território dos Kambeba tinha suas particularidades nos séculos passados, como, por exemplo, a organização das aldeias e o ordenamento das casas, que estavam organizadas linearmente à margem do rio. “Manifestava-se, ainda, na língua como elemento de comunicação e transmissão de conhecimentos, na realização de rituais, na alimentação, nas guerras como estratégia de controle populacional, nas lendas e crenças, nos costumes de vestir-se, na arte, etc.” (SILVA, 2012. p. 63).

Na memória reside o saber ancestral e esta é constituída através de um cotidiano repleto de construção cultural, saberes passados pela comunicação oral dos anciões. Segundo Kambeba (2021, p. 16), “esses ensinamentos mantidos até hoje contribuem para a constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, da percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena”.

Os Kambeba também tinham sua identidade marcada pela sua condição física, em razão de apresentarem “a remodelação do crânio como um aspecto de diferenciação dos demais povos demonstrando que não eram antropófagos; a vestimenta produzida pelos próprios indígenas dava a eles a impressão de mais razão e organização”. (SILVA, 2012, p. 58)

Além disso, para ter suprimentos tinham que resistir na luta com outros povos, “Embora sendo habitantes da várzea, os Omágua/Kambeba não deixavam de buscar suprimentos em terra

firme, um dos motivos que os levava a estar em constante guerra com os povos da terra firme.” (SILVA, 2012, p. 58)

Ainda sobre os povos das águas, eles passaram por tempos sombrios no século XVIII: deixaram de se identificar como indígenas devido à escravidão, preconceito e violência. Esse procedimento foi uma estratégia de defesa e resistência para os povos sobreviverem aos opressores. No entanto, hoje lutam para transmitir seus ensinamentos culturais e sua ancestralidade, não só entre outros povos, mas também com as pessoas que vivem na cidade. Kambeba também vem se destacando na divulgação da cultura de seu povo e de seus parentes, através da publicação de poemas, de *lives*, cursos, programas.

### 3 Alguns poemas de Márcia Kambeba<sup>1</sup>

O primeiro poema, *Ser indígena — Ser Omágua*, que vamos chamar de poema 1, reflete sobre uma grande síntese dos costumes, do cotidiano e da cultura dos Kambeba, enquanto no poema *Chão Kambeba*, que chamaremos de poema 2, demonstra-se a raiz de sua identidade Omágua. No primeiro, a autora fala do seu povo de modo geral, no segundo, fala dela, lutando junto ao seu povo pelo direito de exercer sua identidade indígena.

#### Poema 1

Sou filha da selva, minha fala é Tupi.  
Trago em meu peito,  
as dores e as alegrias do povo Kambeba  
e na alma, a força de reafirmar a  
nossa identidade  
que há tempo ficou esquecida,

---

<sup>1</sup> A autora Márcia Kambeba nasceu em 1979 na aldeia Ticuna, no alto Solimões, pertencente à etnia Omágua/Kambeba, é mestre em geografia, doutoranda em estudos linguísticos, escritora, cantora, apresentadora do programa Amazoniando, professora, atualmente ouvadora geral do município de Belém (PA) e poeta militante. O viés da sua escrita retoma a mulher em vários contextos, expressando toda a luta dessas guerreiras, sua relação com a natureza e a cidade, elencando os preconceitos sofridos por elas. Também apresenta em suas obras a história do seu povo e o cotidiano, alguns na versão de literatura infantil. Suas obras são: *Ay kakyri Tama — Eu moro na cidade* (2013), *Saberes da Floresta* (2020), *Kumiça Jenó: Narrativas Poéticas dos Seres da Floresta* (2021), *O Lugar do Saber Ancestral* (2021), *As Meninas Maluquinhas* (2021), *O Povo Kambeba e a Gota D'Água* (2023), *De Almas e águas Kunhãs* (2023), *Infância na aldeia* (2023).

diluída na história  
Mas hoje, revivo e resgato a chama  
ancestral de nossa memória.

Essa parte do poema nos remete a um dos aspectos que refletem a identidade indígena, a memória que ela traz em seu corpo e a força da ancestralidade através dos conhecimentos e lutas passadas. Também retoma os conhecimentos que foram esquecidos pela história quando o seu povo foi obrigado a deixar sua identidade por conta da escravidão e violência. Destaque-se no poema a voz lírica feminina, que assume a luta para dar visibilidade à cultura de seu povo.

Já na primeira e segunda estrofes do poema 2, a arte é posta como resistência:

No canto que sai de ti,  
Sinto o amor fluir,  
Vem ser o meu bem-querer,  
Sou Kambeba resisti.

Minha dança guardei para mostrar,  
Essa terra, meu chão é meu lar,  
Sou Kambeba e não vou negar  
Eu voltei para lutar.

Pela cultura da minha nação,  
Minha luta é de paz e união,  
Minhas mãos desarmadas estão,  
Busco minha afirmação.

A autora lembra que seu poema é uma das formas de afirmação da identidade do seu povo, lutando, desarmados, contra os opressores, através da escrita: uma nova arma que resiste ao preconceito, à discriminação, à exploração, agora por meio da sua poesia. De acordo com Graúna (2013, p. 45), “aos nativos cabe também o direito de imprimir sua licença poética que, surpreendentemente, continua causando estranhamento ao outro”. E continua:

A busca da palavra, mais precisamente a luta dos povos indígenas pelo direito à palavra oral ou escrita, configura um processo de (trans)formação e (re)conhecimento para firmar o desejo de liberdade de expressão e autonomia e (re)afirmar o compromisso em denunciar a triste história da colonização e os seus vestígios na globalização ou no chamado neocolonialismo. (GRAÚNA, 2013, p. 54-55)

Graúna (2013, p. 55) defende que “os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com textos não indígenas.”

Na segunda estrofe do poema 1, a poetisa aprofunda sua defesa e exposição da identidade de seu povo:

Sou Kambeba e existo sim:

No toque de todos os tambores, na força de todos os arcos,  
no sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa.  
Nossa dança guerreira tem começo, mas não tem fim!  
Foi a partir de uma gota d'água que o sopro da vida  
gerou o povo Omágua. E na dança dos tempos  
pajés e curacas mantêm a palavra  
dos espíritos da mata, refúgio e morada  
do povo cabeça-chata.

Márcia expressa a identidade de seu povo no cotidiano, entre os toques dos tambores, no exercício do uso dos arcos, na dança, e na história da criação de seu povo a partir de uma gota d'água. Esse renascimento do povo Omágua, que passou um tempo fugindo de suas origens, é expresso como a resistência indígena, que ultrapassa as dificuldades, a brutalidade e o sacrifício sofrido durante a imposição dos colonos. Ainda nesta estrofe, Kambeba deixa a marca física que identifica seu povo ao dizer que são chamados de Cabeça-chata.

Na terceira estrofe do poema 2 a autora afirma novamente essa identidade, agora apresentada por meio das pinturas dos indígenas: “Na união com os povos eu vou, nas pinturas revivo quem sou, no meu canto, encanto de amor, sou Kambeba sonhador” (KAMBEBA, 2013, p. 25). Ao final do poema 1, ela diz:

Que o nosso canto ecoe pelos ares  
como um grito de clamor a Tupã,  
em ritos sagrados,  
em templos erguidos,  
em todas as manhãs!

Desse modo, a autora lembra que o clamor pela resistência de sua ancestralidade sobrevive por meio da cultura, da dança, da música, da pintura, dos costumes cotidianos que não são abandonados, seja onde estejam, na floresta ou na cidade. E o poema 2 completa essas afirmações ao expor:

Minha história se cristalizou,  
Minha língua em silêncio ficou,  
Minha aldeia o progresso tomou,  
Resisti ao opressor.

Hoje canto e danço para ver,  
Esse povo voltar a dizer,  
Sem vergonha de ser o que é  
Sou Kambeba e tenho fé.

A história não pode ser esquecida porque o povo resiste ao opressor e a autora deseja que seja manifestado sempre com orgulho tudo o que representa a identidade do seu povo. Potiguara (2019, p. 89) esclarece que não se trata só de uma vontade, mas de uma obrigação. “Receber a herança ancestral de nossa família ou de uma cultura é uma missão a cumprir, isso é praticamente obrigatório dentro da alma. Mas levar adiante essa herança é sabedoria”.

A sabedoria de que ela fala trata-se de saber quem você é através de sua herança ancestral; isso permite ao indígena conseguir se identificar como pessoa e como parte de um povo, de um grupo que tem sua própria construção cultural. Segundo Potiguara (2019, p. 91), “só da conscientização de quem somos nós, como povos indígenas ou oriundos de outras raízes, é que brotará uma percepção, reveladora da riqueza, da preciosidade que existe adormecida na vastidão

das mentes, dos corações e dos espíritos”. Sendo assim, justifica-se a importância de resguardar essa identidade.

O poema a seguir, *Povo Flutuante*, apresenta a identidade através da representação do cotidiano cultural dos povos Omágua.

Nas margens do rio  
Vivem os povos das águas  
A vida com desafio.  
Acordam com a natureza,  
Ao som de aves, assobios.

A rua tem eco de remada,  
O transporte deslizando vai.  
Canoa, remo, estrada molhada,  
Que na mão do menino  
É sabedoria de uma jornada.

A sabedoria que os Omágua transmitem vem da ancestralidade, de dentro de cada um, mas muitos desses conhecimentos que firmam sua identidade são descobertos no silêncio do cotidiano, ao se encontrarem com a natureza e ouvir o que ela tem para falar, como nos confessa Márcia, ao compartilhar parte do seu cotidiano com seu pai.

Cedo do dia meu pai me levava para esse barranco e de lá era possível contemplar a beleza da natureza. Nos juntávamos a outros Tikuna que também ficavam ali no silêncio de sua contemplação, observando entre tantas coisas o solapamento do rio no outro lado da margem, ao menos, era o que mais chamava atenção ver esse banzeiro ir e vir. No meu pensar de criança parecia estranho e incomodava um pouco ver as pessoas em pé com braços cruzados ou acocadas, totalmente em silêncio. E as águas batiam forte nas canoas que se movimentavam de um lado para o outro como se dançassem ao som do rio. (KAMBEBA, 2021, p. 13)

Os costumes culturais estruturam parte da identidade através da experiência, como nos confirma Silva (2014); um sistema simbólico social atribui um novo sentido às experiências de cada pessoa, de cada povo, o que contribui para a formação de uma identidade.

“A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...] somos constrangidos, mas também pelas relações sociais”. (SILVA, 2014, p. 19)

Ainda sobre o poema, ela retoma, nos próximos versos, a relação dos Omágua com a água.

A casa feita de madeira  
Para flutuar precisa do açacu.  
Flutua bela na água  
E da janela a menina  
Alimenta o pirarucu.

As crianças cedo aprendem  
A confiar em quem lhes viu nascer.  
Jogam-se sem medo  
Na escuridão das águas.  
Mergulham sem pressa  
No rio que lava o corpo, protege o ser.

A vida flutuante  
Na sua territorialidade de lugar,  
Vê no rio o sustento e morada,  
Amigo, pai e companheiro de caminhada

O rio é o lar deste povo que busca sempre na água a força que a natureza pode oferecer para lutar e vencer seus oponentes, não só os colonizadores, mas os outros povos indígenas, uma luta por território e identidade, pois, segundo Silva (2012, p. 50), “identidade territorial é na verdade uma identidade social, mas definida essencialmente através do território, que envolve apropriação/dominação”.

A relação entre o povo Omágua e o seu território é uma ligação entre a terra mãe, a condição daquele povo naquele lugar; a territorialidade dos Kambeba está ligada à vida flutuante, sempre perto do rio, ensinando a criança viver, a se encontrar, a se proteger. Sendo assim, é deste

mesmo rio que se sustentam e sobrevivem, reiniciando a identidade marcada na ancestralidade entre o povo e o seu território.

Segundo Silva (2012, p. 49), “Essa relação identidade-território toma forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo, tendo como principal elemento o sentido de pertencimento do vivido a um grupo ou povo com seu espaço de vivência”. Logo, o sentido de pertencimento desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva dos povos originários. Ele não é estático, mas sim moldado por experiências compartilhadas, memórias coletivas e interações contínuas com o território, abrangendo elementos culturais, históricos e sociais que conferem significado e valor à vivência local.

A questão que fica é: como levar para a sala de aula a literatura indígena que revela a identidade desse povo? O acesso aos poemas da autora pode contribuir para uma visão menos preconceituosa dos povos indígenas em geral?

#### 4 Experienciando a Literatura Indígena na Sala de Aula: Reflexões com a poesia de Márcia Kambeba

Apresentaremos aqui um rápido exemplo de vivência com a poesia de Márcia Kambeba com uma turma de 9º ano de uma escola pública. Destacaremos apenas o primeiro encontro e as reverberações que ocorreram com a aproximação da literatura indígena selecionada<sup>2</sup>.

No encontro da turma com a literatura indígena, no dia 06 de março de 2023, tivemos duas aulas que foram divididas em três momentos: o primeiro foi com a crônica de Daniel Munduruku, *É índio, não é índio*, do livro *Histórias de índio*.

No segundo, após a leitura e discussão da crônica com o intuito de aproximar os leitores de uma visão sobre os povos originários, lançamos mão do vídeo *Fantasia de índio em 2021*, do canal no *YouTube*, de autoria de Cristian Wariu Tseremwy'wa, do povo xavante com descendência do Guarani Nhandewa. A intenção era enfatizar a visão dos não indígenas sobre os povos originários a partir da fala de um indígena. O vídeo fala sobre quem são os indígenas na

---

<sup>2</sup> Este trabalho, em sala de aula, foi autorizado pelo comitê de ética no dia 26 de dezembro de 2022, registrado de acordo com o parecer nº 5.839.039. Nesta experiência descrita os nomes dos alunos são de origem fictícia para a confidencialidade, respeitando o artigo 17 da lei nº 8.069/90: O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais, presente no Estatuto da Criança e do Adolescente.

contemporaneidade e das fantasias utilizadas sobre eles no carnaval, explicitando como não indígenas imaginam a representação de indígena na contemporaneidade. Entre outras discussões, Wariu retoma um pouco da história da colonização e da exploração física, sexual e psicológica sobre as meninas e mulheres das aldeias, finalizando com dados como a quantidade dos povos originários durante a colonização (8 milhões) e na atualidade, em torno de 900 mil<sup>3</sup>.

No terceiro momento, foi exibido para a turma o depoimento da poetisa Márcia Kambeba, gravado durante o evento Mekukradjá — Círculo de Saberes de Escritores e Realizadores Indígenas (2016), para que eles conhecessem um pouco sobre a autora que iríamos trabalhar durante a experiência.

A partir da crônica iniciou-se uma conversa em que os alunos discutiram sobre os dois pontos de vista trazidos pela leitura. Muitos deles se perceberam, também, preconceituosos. Segundo a aluna A, “até aquele momento antes da crônica ela também era preconceituosa, porque tinha a mesma visão da personagem da crônica, que acreditava que os povos originários não deviam usar roupas ou relógio, já que o indígena vê a hora olhando para o tempo, nem devia andar de metrô porque o lugar dele é na floresta”. Esse posicionamento foi acolhido por outros alunos que se sentiram da mesma forma.

O relato inicial da aluna A, ao admitir que compartilhava, anteriormente, da mesma visão estereotipada apresentada na crônica, revela uma importante autoconsciência e disposição para reconhecer e confrontar preconceitos. A partir desse posicionamento, com o qual outros alunos se identificaram, frisamos a importância do diálogo em sala de aula para a construção e desconstrução da visão sobre os povos originários.

Alguns alunos demonstraram indignação em relação ao racismo vivenciado pelo indígena na crônica, como o aluno B: “Eu acredito que mesmo que a personagem não soubesse como são os indígenas hoje, ela não tinha o direito de ser preconceituosa, tinha que procurar se informar mais sobre como eles são e como vivem”. Após a fala de B, a aluna C disse que: “para respeitar é preciso conhecer, como estamos vendo agora, e se não tivesse esta aula a gente também ia continuar sendo preconceituoso”. Porém, do ponto de vista da aluna D, “tanto a mulher da crônica quanto os alunos da turma terminam sendo preconceituosos por falta de informação, como não

---

<sup>3</sup> De acordo com o censo do IBGE, a população indígena do país chegou a 1.693.535 pessoas em 2022, o que representa 0,83% do total de habitantes. Além dos territórios oficialmente delimitados pela Funai, os agrupamentos indígenas identificados pelo IBGE, atingiram outras localidades indígenas, como ocupações domiciliares dispersas em áreas urbanas ou rurais com presença comprovada ou potencial de pessoas indígenas.

tem acesso a como estão os povos originários hoje, eles também acham que os indígenas ainda vivem todos na floresta, não sabem falar bem a língua portuguesa, são selvagens e perigosos”.

Sendo assim, a fala do aluno *B* ressalta a necessidade de buscar informações antes de chegar a conclusões preconceituosas; é essencial articular uma visão que seja respeitosa e informada sobre os povos originários. A aluna *C* comenta sobre a necessidade do conhecimento e do respeito para utilizar abordagens educacionais que tragam conscientização e sensibilidade aos outros; e a aluna *D*, sobre a persistência de preconceitos devida à falta de informação, ressalta a urgência de incluir, nas práticas pedagógicas, conteúdos que ampliem o entendimento sobre a realidade contemporânea dos povos indígenas.

Depois de enfatizar o preconceito revelado na crônica, os alunos passaram a refletir sobre a forma de viver dos povos originários, entre a vida na floresta e a vida na cidade. O aluno *D* acrescentou “que os indígenas devem vir para a cidade ter o direito a ter boa casa, comida, um emprego com rendimentos financeiros altos e uma vida boa”. Após esta fala entramos em outra discussão, o que seria uma boa vida para os povos originários: viver na floresta ou viver na cidade? Alguns alunos rebateram dizendo que viver na cidade não é bom para os indígenas, pois não sabem nada sobre a cidade e enfrentarão muitos preconceitos; já outros alunos acreditam que os indígenas têm o direito de escolher onde querem viver e isso não é motivo de preconceito. Foram posicionamentos firmes e a discussão enriquecedora porque abordou as visões dos alunos sobre os indígenas antes e depois da crônica.

Logo, a discussão sobre a qualidade de vida na floresta *versus* na cidade, iniciada pelo aluno *D*, evidencia a complexidade das percepções dos alunos e destaca a importância de debater diferentes perspectivas sobre o modo de vida dos povos originários.

O vídeo foi relevante para os alunos compreenderem como o estereótipo pode ter consequências que levam os povos originários a invisibilização. O aluno *E* disse que “não sabia que as indígenas tinham sido exploradas sexualmente, achava que elas se apaixonavam pelos ocidentais por serem diferentes, como na obra *Iracema*, de José de Alencar”; alguns alunos concordaram com ele e outros não conheciam a obra então não se posicionaram.

No último momento a turma assistiu ao depoimento da poetisa Márcia Kambeba; no qual a autora recita alguns poemas e conta um pouco de sua trajetória até a publicação dos seus livros, destaca a importância de sua avó na construção de sua identidade, bem como fala dos livros que publicou e de sua vida hoje. Houve alunos que não se envolveram muito, outros disseram que foi difícil a vida da autora e alguns se encantaram, como a aluna *F* que disse: “professora, quando

ela leu o poema eu achei a voz dela linda, tão doce”. Finalizamos com os alunos escrevendo em seus diários as impressões sobre esse primeiro dia de aula, em relação à crônica, aos vídeos ou à autora.

Dessa forma, percebe-se que o aluno *E* ficou surpreso após saber sobre a exploração sexual vivenciada pelas indígenas, isso mostra a relevância da desconstrução de imagens que demonstram romance distorcido, como se vê em algumas histórias literárias. Já a aluna *F* mostrou-se admirada com a voz da poetisa Márcia Kambeba, demonstrando uma conexão emocional, o que mostra a importância de levar para a sala de aula obras de autores indígenas, pois suas vivências e experiências retratadas nas obras trazem empatia e compreensão.

No diário de leitura da aluna *G* encontramos a fala:

“sobre a aula, achei interessante porque isso agregou em nossos conhecimentos, sobre a sua cultura, etc. Isso é relevante porque a literatura e cultura indígena não é tratada nas escolas como um conteúdo essencial para a construção educacional e pessoal dos alunos, deixando de lado a oportunidade de abranger os saberes sobre os povos originários, permitindo assim, mais respeito e igualdade, auxiliando na desconstrução do preconceito que existe em nossa sociedade”.

Por fim, observa-se que a fala da aluna *G* destaca a carência de abordagens educacionais mais amplas sobre literatura e cultura indígena, apontando para a necessidade de incluir esses conteúdos de maneira essencial para a formação educacional e pessoal dos alunos. Sua visão é que a literatura pode ser uma porta para contribuir para mais respeito, igualdade e desconstrução do preconceito.

Portanto, como resultado da experiência, vimos a sementinha plantada nos corações da turma, já que alguns procuraram livros indígenas na biblioteca da escola, outros começaram a pesquisar na *internet* e mostraram que estavam começando a ler outros livros de literatura indígena.

### Considerações finais

Compreendemos que trabalhar com literatura indígena na sala de aula favorece o acesso aos saberes ancestrais, o que, muitas vezes, foge de nossa experiência cotidiana. De acordo com Daniel Munduruku (*apud* Lemos, 2012, p. 77): “Compreender a Literatura Indígena é entender que ela se manifesta nas diversas formas de transmissão do saber: que ela é a reverberação do que

mora dentro do corpo de nossa gente.”, por isso, um dos temas levados para a sala de aula e descrito aqui é a identidade, pois nos faz refletir sobre nossa identidade e os valores culturais que internalizamos que, segundo Hall (2006, p. 12), contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

As experiências compartilhadas pelos alunos A, B, C, D, E, F e G durante o estudo dos poemas mostram mudanças significativas em suas perspectivas sobre os povos originários. O posicionamento dos alunos em confrontar preconceitos e enfatizar a busca por informação para evitar julgamentos precipitados, além da valorização do conhecimento como base para o respeito, indicam um impacto positivo do ensino da literatura indígena. Isso é destacado por meio da fala da aluna G.

Além disso, é considerável para os povos indígenas que a literatura seja amplamente estudada, ajudando para que eles saiam da invisibilidade e todos saibam que eles estão entre nós, compreendam todo o sofrimento que eles passaram e passam ainda hoje, com suas terras devastadas, suas famílias exploradas, suas filhas estupradas e sua comunidade, muitas vezes, dizimada e que resistem ao opressor com toda sua garra e coragem, estão entre nós e têm direito a exercer sua cultura, suas crenças e seus rituais, levando sua identidade aonde for.

Considerando o trabalho apresentado, compreende-se que as reflexões sobre a literatura indígena, em particular os poemas de Márcia Kambeba, oferecem uma oportunidade valiosa de desconstrução de estereótipos e preconceitos em sala de aula. A experiência apresentada revela a importância do diálogo para promover conhecimentos que contribuem para disseminação do respeito em relação aos povos originários, desafiando visões preconcebidas e incentivando uma apreciação mais autêntica da diversidade cultural. O engajamento dos alunos nas discussões mostrou a relevância de incluir abordagens educacionais que ampliem o entendimento sobre a realidade contemporânea dos povos indígenas, cooperando, assim, para uma visão menos estereotipada e mais inclusiva na sociedade brasileira.

#### **CRedit**

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Visualização, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: SOUZA, C. B..

Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Supervisão, Visualização, Administração do projeto, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: ALVES, J. H..

## Referências

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. GOMES, Luana Barth. *A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural*. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, 2012.

GRAÚNA, Graça (2013). *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza.

KAMBEBA, Marcia Wayna. *Ay Kakyritama: eu moro na cidade*. 2. ed. São Paulo: Polén, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *O lugar do saber ancestral*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021.

LEMOS, Roma Gonçalves. *A Literatura Infanto-Juvenil Indígena na Educação: Desafios e perspectivas*. letra indígena. v.1, n.1, 2012. São Carlos: SP: Universidade Federal, laboratório de linguagens leetra. pag. 77. Disponível em: < [https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra\\_vol1](https://issuu.com/grupo.leetra/docs/leetra_vol1) > . Acessado em 15 de novembro de 2022.

POTIGUARA, Eliana. *Metade cara, metade máscara / Eliane Potiguara*. Rio de Janeiro, RJ – 3º Edição revisada – Grumin, 2018.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Casa Civil. Planalto, 2008. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) >. Acesso em: 20 de julho de 2023.

RUTHERFORD, J. (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishmt, 1990.

SILVA, Márcia Vieira da. *Reterritorialização e identidade do povo Omágua- Kambeba na aldeia Tururucari- Uka*. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org)*. Stuart Hall, Katryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Victor Gustavo de. *Estudantes do ensino fundamental I e suas percepções sobre nativos brasileiros*. Linhas Crí-ticas, [S. l.], v. 26, p. e32369, 2020. DOI: 10.26512/lc. v26.2020.32369. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/32369>. Acesso em: 22 dez. 2023.